

LÍNGUA E IDENTIDADE NO HIP HOP

Por Francisco Flores¹

Resumo: Este trabalho objetiva discutir como os integrantes do movimento hip hop apropriam-se de suas variedades linguísticas desprestigiadas socialmente na construção de identidades culturais e representações etnicorraciais afirmativas. Para isso, serão analisadas letras de rap de compositores soteropolitanos, para se investigar de que forma o hip hop, com seus letramentos múltiplos e multimodais, se constitui um novo espaço de construção de saber, a partir da politização dos usos sociais da leitura e da escrita. Para fundamentar o texto utilizaremos as reflexões de SOUZA e MACA sobre educação e hip hop; LUCCHESI e BAGNO sobre variação linguística; PEÇANHA sobre literatura e hip hop; HALL sobre identidade cultural, bem como CARBONI e MAESTRI sobre o processo de (des)escravização da linguagem.

Palavras-Chave: Identidade. Hip Hop. Língua Portuguesa.

O hip hop nacional caracteriza-se pela força de suas letras que trazem em seus temas um forte discurso de afirmação de identidade. Desta forma, o uso da língua deixa de ser apenas um suporte para a expressão desses discursos, para se tornar parte dele, uma vez que a variante utilizada nessa produção cultural é a popular. Segundo LUCCHESI (1994), que buscou em vários trabalhos lançar as bases para uma concepção polarizada da História sociolinguística do Brasil, a variante popular da língua portuguesa teria suas origens em um pré-crioulo que teria se originado no Brasil colonial, no procedimento conceituado, pelo autor de transmissão linguística irregular do tipo leve. Nesse método, os africanos escravizados eram obrigados a esquecer de suas línguas maternas e adquirir a língua portuguesa, em uma técnica de aquisição defectiva, uma vez que ninguém contrai proficiência uma segunda língua em situação adversa, como era o caso da escravização no Brasil. Essa língua aprendida em condições contrárias era passada aos seus descendentes que faziam um processo de gramaticalização parcial da língua, no caso da transmissão linguística irregular do tipo leve LUCCHESI (2003), caso do Brasil, e total no caso dos países em que houve a criouliização. O referido processo

¹ Pesquisador do Projeto ETNOESCRITURAS: Proficiência multimodal de leitura e escrita em contextos extraescolares, sob a orientação do Professor Dr. José Henrique de Freitas Santos. Este projeto está vinculado ao grupo de pesquisa RASURAS: estudos de práticas de leituras e escrita. Bolsista PERMANECER/UFBA.

caracteriza-se pela erosão gramatical que passa pela perda de concordância verbal e nominal, além da perda da flexão verbal:

Assim sendo, no pólo das camadas médias e altas da sociedade brasileira, de um lado, pode-se perceber, nos primeiros séculos da história do Brasil, um comportamento lingüístico conservador de uma numericamente bastante reduzida elite colonial, voltada para os padrões lingüísticos e culturais da Metrópole. No pólo das camadas populares, de outro lado, ocorrem, desde os princípios da colonização, drásticas transformações lingüísticas, decorrentes do extenso, massivo e profundo contato do português com as línguas indígenas e africanas. Esse contexto sociolingüístico propiciaria as condições para a ocorrência de processos de transmissão lingüística irregular, a partir da fixação forçada de milhões de africanos trazidos para o Brasil como escravos. (LUCCHESI, 2003,p84)

Essa teoria cria o que LUCCHESI (1994) caracteriza como a polarização das normas no Brasil, na qual temos no centro a norma padrão que seria uma norma ideal, inatingível pelos falantes. Em um pólo temos a norma popular, cujas origens remetem aos descendentes de escravizados e indígenas e em outro pólo temos a norma dita culta que é a forma como os falantes ditos cultos usam de fato a língua (entendem-se como falantes cultos as pessoas que possuem ensino superior completo). Nessa polarização, o grande divisor é justamente a concordância: falantes da norma dita culta tendem a fazer mais concordâncias que os falantes da norma popular. Nesse sentido é facilmente percebido que o principal alvo dos puristas é a concordância, pois remete diretamente aos segmentos desprestigiados em nossa sociedade, como no fatídico caso do livro didático de autoria da professora Heloisa Ramos, que como prevê os PCNS trabalha com a noção de variação lingüística, apesar da incompreensão midiática acerca dessa abordagem acadêmica fundamentada nas teorias lingüísticas contemporâneas. Este caso, porém, ganhou enormes proporções, pois no capítulo destinada ao tema variação linguística a autora afirma que o falante pode dizer “os livro”, salientado que, na forma escrita, por questões de ascensão social deve-se utilizar a forma “os livros”, pois é a forma padrão. Esta simples reflexão, consenso entre os linguistas brasileiros, acabou sendo motivo para um intenso debate nacional sobre o ensino de língua materna no Brasil, no qual a elite local apoiada pelos meios de comunicação se mostraram mais reacionárias do que nunca, uma vez que traziam matérias cujas chamadas eram do tipo: “O livro do MEC que ensina errado” .

O referido caso torna-se emblemático para a nossa discussão, pois em nenhum momento foi questionada a forma linguística em questão, pois nos países considerados desenvolvidos, os quais se utilizam de línguas que gozam de prestígio internacional, neles os falantes também não fazem concordâncias, cabendo então a pergunta: o problema está na forma linguística em questão ou no grupo social que utiliza essa forma?

Remeter à história da Sociolinguística no país torna-se fundamental para que possamos compreender como o hip hop se insere nesse contexto, no qual a norma linguística utilizada pelos seus integrantes torna-se uma estratégia fundamental no processo de reconstrução das identidades dos jovens negros e moradores de comunidades populares.

Bell Hooks em seu texto *Linguagem: ensinar novas paisagens\novas linguagens* (2008) discute como a linguagem se torna uma importante aliada na resistência afro-estadunidense. A língua, de acordo com a autora, acaba se tornando um local potente de resistência, uma vez que, ao aprender o inglês, os negros estadunidenses acabam por reinventar a própria língua, assim como ocorre no Brasil. Essa língua reinventada chega na contemporaneidade na forma do inglês afro-estadunidense, porém essa forma linguística é vista pela elite como erro. No Brasil, a situação não é diferente, uma vez que o português afro-brasileiro é bastante estigmatizado, tanto pelos puristas, quanto pela mídia, a qual cria defensores da língua como o gramático Pasquale Cípro Neto e Jorge Portugal, educador baiano que tinha um programa de rádio cujo título era: “É assim que se fala, é assim que se escreve”. Esta postura vai na contramão do que preconiza os PCNs, fazendo com que a população afrodescendente que tem um português diferente não seja incluída nesse sistema escolar formal, visto que eles acabam tendo muita dificuldade inicial em acessar essa língua padrão, e acabam sendo excluídos ou mesmo expulsos do sistema formal de educação.

Essa população excluída, tratada como inepta linguisticamente, acaba saindo do processo de letramento formal escolar por já terem em si esses discursos forjados em suas mentes. Muitos deles, quando saem são nas ruas acolhidos pelo movimento hip hop, que tem uma pedagogia extraescolar pautada nas vivências do movimento negro organizado ou não e em vez de focar suas limitações exploram suas potencialidades. Entram nesse contexto em cena as

noções identitárias e de rebeldia, fazendo com que a língua figure também como lugar de construção identitária na qual a noção de erro é deslocada para a transgressão.

Para cada uso incorreto de palavras, para cada colocação incorreta das palavras, era um espírito de rebelião que reivindicava a língua como um local de resistência. Usar o inglês de uma maneira que rompeu o uso e o significado padrões, de tal modo que o povo branco poderia freqüentemente não entender a fala negra, fez do inglês muito mais do que a língua do opressor..(HOOKS,2008:860)

De acordo com a visão da autora, a noção de erro não existe, uma vez que a língua é transformada pelos seus usuários no processo de resistência à subalternização. A noção de transgressão proposta pela autora vem a corroborar com a ideia da potencia identitária da língua na qual não aceita a dominação e se reestrutura se tornando, às vezes inteligível para os que não fazem parte do círculo linguístico. No contexto brasileiro, a posição tomada pelo hip hop de fazer da língua também um local da afirmação identitária acaba por promover a crescente valorização da variante popular do Português brasileiro entre seus adeptos, justamente pela utilização dessa variante pelos rappers brasileiros em geral que, assim como os negros estadunidenses, também usam a língua como forma de resistência e reexistência como afirma SOUZA (2011). É o que se vê na letra *Negro Drama*

Problema com escola,
Eu tenho mil,
Mil fita,
Inacreditável, mas seu filho me imita,
No meio de vocês,
Ele é o mais esperto,
Ginga e fala gíria,
Gíria não, dialeto (Brown, 2002)

Devido ao fracasso do processo escolar contemporâneo outros espaços de educação acabam surgindo em contextos extraescolares, dentre os quais destaca-se o hip hop, que é caracterizado por SOUZA(2011) como sendo uma agência de letramento emergente. Os processos de letramentos no hip hop acabam ampliando as noções tradicionais de leitura e escrita dando uma dimensão multimodal a esse processo por não se ater somente no processo de

leitura e escrita pictóricos, mas dando vez: às escritas dos b-boy, escritas essas feitas com o corpo; às escritas dos grafiteiros, que se utilizam dos muros das cidades para expressar seus grafismos; às escritas dos djs que se utilizam de outras escritas para recriar a própria escrita em um processo de plagicombinação através do sampler, no qual para criar sua música são necessários fragmentos de outras canções que jamais voltarão a ser o que eram (SANTOS,2006) e a escrita dos Mcs que são os poetas do rap e se utilizam de vários processos para para criar a sua escrita que tende a valorizar a variante local, mesmo sem ter a noção técnica do conceito de variação linguística.

A doutora em Linguística Aplicada Ana Lúcia Silva e Souza (2011), em *Letramentos de Reexistência* faz uma análise dos letramentos no hip hop, buscando as singularidades envolvidas nesse processo. Neste trabalho, a autora coloca os rappers como agentes de letramentos por causa do trabalho desenvolvido pelos ativistas nas comunidades em que residem e adjacências. Nesse contexto, o que se destaca é que os processos de letramentos desenvolvidos por esses agentes de letramentos em comunidades não são dissociados das práticas sociais dos envolvidos no processo, que por sua vez tem um envolvimento maior com as atividades propostas.

condições alternativas, como também para formar outras pessoas por meio das vivências que realizam, nas quais colocam em foco as concepções de aprender e de ensinar próprias do que denominamos letramento de reexistência. Nesses espaços praticados aparece uma multiplicidade de práticas que, relacionadas aos mais diferentes contextos, envolvem tanto os usos socialmente valorizados como os não valorizados da linguagem e, necessariamente, dizem respeito às intenções e objetivos compartilhados e, sobretudo, reinventados. (SOUZA,2011, p82)

É justamente nesse processo de reexistência que a língua deixa de ser o meio pelo qual as ideologias de afirmação identitárias perpassam para se tornarem a própria identidade, como na música *Babado vai bombar* do grupo Munegrade

Repare repare como a gente incomoda
Negro na Universidade Isso é foda
Lis e Negra Mone pretas nordestinas
(GONSALVES, 2007)

Ao observar a letra da canção, nota-se que há uma constatação da presença de estudantes negras e negros na universidade, proveniente da política de ações afirmativas em vigor desde 2005. A canção se levanta para mostrar o período turbulento no qual os estudantes cotistas tinham que provar a todo o tempo que eram capacitados para estar nesse espaço, porém o que nos chama mais atenção na letra em questão é a variante utilizada: a canção se utiliza da variante popular, mesmo que a compositora, assim como os outros integrantes do grupo, curse a universidade. Essa escolha tem um impacto sociolinguístico muito forte, uma vez que na busca por afirmação pede-se também uma afirmação pela variante linguística popular, ao observar o uso da palavra *a gente* funcionando como o pronome nós, fato que, aliás, já está migrando para os falantes de norma culta, outra palavra utilizada é o palavrão *foda*, recurso linguístico utilizado para tentar dizer o indizível, bastante acionando em letras do rap nacional, uma vez que elas não são escritas a partir das regulamentações de uma norma culta, prescritiva.

O sujeito pós-moderno se apresenta como fragmentado em múltiplas identidades, sendo que elas atuam em um jogo onde suas identidades se apresentam a depender da posição que o sujeito ocupa, uma vez que o sujeito é interpelado a todo o momento por essas identidades descentralizadas, ou seja, a identidade não é mais fixa e sim se movem nos processos de representações (HALL, 2003) Como aparece na letra *O gueto é nossa Herança do Grupo Herança do Gueto*:

Eu vim do gueto lá de Salvador Bahia
Tenho defeitos, mas sempre procuro andar na linha
Eu vivo bem se a coisa dificulta eu digo amém
Eu sou rico não de grana, mas de coração
Das dádivas que Deus me da e de compaixão
Poeta do Engenho Velho da Federação
Bairro que amo antes engenho de escravo
Hoje é nossa herança e repleta de aplausos (Herança do Gueto,2010)

Na letra da canção nota-se nitidamente duas identidades em questão a identidade étnica-racial negra e a identidade de classe social gueto entendido

aqui como sinônimo de favelado. O texto parte para a valorização dessas duas identidades que são a todo o momento desprestigiadas em nossa sociedade, ou seja, ao escrever o rap as identidades desses jovens os interpelam a fazer uma representação positiva tanto dos negros, quanto do bairro em questão Engenho Velho da Federação que é muito estigmatizado pela imprensa local, principalmente pela violência.

As representações feitas sobre o negro sempre foram negativas e perigosas, pois se baseiam em estereótipos sempre negativos que reforçam preconceitos sobre esse segmento da população, como na literatura canônica brasileira que em um primeiro momento apaga o negro da formação do Brasil, como na primeira fase do romantismo onde a produção literária rompe com o modelo europeu e tenta criar uma identidade nacional e no segundo momento coloca-o na posição da agente degenerador das raças, como em o cortiço. Portanto, o rap tenta reverter essa representação negativa da população afro-brasileira, como também do gueto, favela local no qual os negros brasileiros, em sua maioria, moram, da mesma maneira a sua língua também é valorizada e realimentada pelo hip hop.

É nesse contexto que Sergio Vaz em seu manifesto antropofágico elenca três elementos na construção identitária das populações periféricas “ a periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor” (VAZ, 2007). Podemos somar às reflexões de HALL e VAZ outro elemento importante na construção da identidade periférica: a variante linguística popular, língua materna dos moradores de comunidades populares em todo território nacional, uma vez que a variante padrão só é adquirida, na maioria dos casos, no processo formal de letramento. É justamente por essa razão que consideramos a língua como elemento fixador da identidade, pois ao indagar a jovens estudantes de uma escola pública de Salvador sobre se eles se identificam com a linguagem do hip hop surgiram respostas como: “é a língua do gueto” “língua da favela”, “língua de preto”, dentre outras denominações por eles relatadas.

Essas respostas acabam por demonstrar uma forte identificação (linguística) desses jovens com o movimento hip hop e com isso um espelhamento indenitário. Ferréz traz em seu manifesto Terrorismo Literário uma forte

exposição da diferença entre as escritas literárias das favelas e dos grandes centros, por defender a não hierarquização da escrita como no trecho a seguir:

A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós.
Não somos movimento, não somos os novos, não somos nada, nem pobres, porque pobre segundo os poetas da rua, é quem não tem as coisas.
Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca!
Cala a boca uma porra, agora agente fala, agora agente canta, e na moral agora agente escreve.
Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras(Ferréz,2005)

Ao reivindicar para a periferia o espaço de produção literária, Ferréz não o faz se enquadrando no modelo vigente de escrita e sim ao contrário tem uma postura agressiva de não pedir para entrar, apenas informa que entrou, mostrando uma atitude firme e consciente de suas identidades.

O grupo de rap baiano *Herança do Gueto* do Morro do Macaco, Bairro do Engenho Velho da Federação, na letra *Eu só lamento*, que dá nome ao cd do grupo, nos mostra muito bem a potência linguística em questão:

Tristeza e solidão muita treta no momento
Eu só lamento, eu só lamento
Os mano vão em cana só é sofrimento.
Eu só lamento, eu só lamento (herança do Gueto; 2010)

Antes de analisar a letra gostaria de salientar a importância do nome do grupo, pois remete a ancestralidade, resistência e continuidade. A letra da canção nos traz um acervo lexical típico da favela nas palavras “*treta*” que pode ser muitas vezes polissêmica por ter seu sentido tanto como sendo sinônimo de confusão, assalto, sequestro, contravenções em geral, como pode ser também evocada para situações dificuldades encontradas no ambiente do trabalho, que não necessariamente esteja relacionada com contravenções, ou simplesmente ser morador de periferias, no sentido as carências que lá existem. Já a expressão “*os mano*” traz primeiramente a não concordância nominal característica da variante popular do Português brasileiro. “*Os mano*” também tem seu significado atrelado a questão identitária por instituir através da palavra uma irmandade que tenta remontar às famílias dispóricas desconfiguradas, visto

que é praticamente impossível para um afrodescendente construir sua árvore genealógica.

SOUZA (2011) apoiada em Hall (2003) afirma que:

No rap, a palavra aparece como motor de ação dos sujeitos que, por meio da língua em funcionamento, agem no mundo construindo e constituindo identidades que se formam e transformam continuamente, assim como propõe (SOUZA 2011, APUD HALL 2003)

Todo esse processo identitário que propõe o movimento hip hop faz com que, em seu método de letramento extraescolar, os sujeitos ali formados acabem por perder as amarras da escrita tradicional criando bases para uma escrita livre e crítica. SANTOS em seu artigo *Etnoescrituras: O hip hop como oficina de leitura e escrita multimodal*, amplia a discussão sobre o Panóptico de Bentham, analisado por Michel Foucault, dando uma dimensão ainda maior ao controle linguístico que a escola realiza tanto pelas suas regras quanto pelas exaustivas tentativas de regular e dominar a língua. Para Santos, essa busca pelo controle cria o que denominou de Hiperpanóptico:

Chamo este sistema de hiperpanóptico, porque, em vez de restringir sua força disciplinar domesticadora a um recinto fechado, perfeitamente programado para implementar o adestramento do corpo através de uma vigilância localizada, aqui, o controle extrapola os muros da escola e atinge estes e outros sujeitos nas suas relações cotidianas, intervindo mesmo em seus processos de subjetivação. A violência maior desse sistema consiste, pois, no convencimento desses sujeitos acerca de sua incapacidade ou não proficiência nos processos de leitura e escrita em língua materna, fazendo-os assumir para si, não só as responsabilidades de "sua condição", mas acreditarem-se inferiores ao narrarem-se em suas vidas sociais. (SANTOS, 2010, p 03)

É contra esse hiperpanóptico que o hip hop irá atuar, uma vez que ao valorizar a "fala do gueto", "língua de preto", como relataram os estudantes acima citados, que o hip hop tem conseguido fazer com que seus adeptos logrem êxito em suas empreitadas acadêmicas ou não, pois agem não dicotomizando a escrita, agem como o rapper MV BIL escrevendo livros, desenvolvendo teses, artigos, poemas, contos e etc... Escrevem como escrevem rap, ou seja, no processo da escrita não se preocupam, muitas vezes, com a formatação final do texto, pontuação, concordância, acentuação se preocupando, principalmente, ao final com o conteúdo do texto.

Contudo, afirmamos que o objetivo deste trabalho foi discutir como a língua pode figurar como um potente local de resistência afro-brasileira e como o hip hop se apropria desse lugar na formação identitária das populações residentes de comunidades populares, oportunizando aos jovens moradores de periferias uma produção de escrita multimodal que valoriza a variante linguística local em espaços de letramentos extraescolares, contribuindo, significadamente com a formação desses jovens, que ao saírem precocemente da escola são, nas ruas acolhidos pelo movimento hip hop, sendo que esses letramentos tentam fazer com que o acesso a leitura e a escrita em todas as suas variantes não se torne tão traumática para esse segmento populacional, uma vez que essa é a proficiência de leitura e escrita que é a finalidade, maior da educação formal, logo partindo do conhecimento e valorização de sua variedade linguística chega-se com menos esforço a variante prestigiada socialmente.

Referências:

BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação e Política - Sobre o Conceito de Letramento. In: Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

FOUCAULT, Michel, DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In:FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 7 ed.Org e trad. De Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal,1979.

HALL,Stuart.A identidade cultural na pós-modernidade
11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

KLEIMAN, Ângela B (org). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo Van. Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication. New York: Oxford University, 2001.

MACA, Nelson. Algumas reflexões sobre hip-hop e baianidades, Revista Palmares Cultura Afro-brasileira. Ano I Numero 2 12 / 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Educação e letramento. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, José Henrique de Freitas. ETNOESCRITURAS: o hip hop como oficina de leitura e escrita multimodais. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. Anais do 17º COLE, Campinas, SP,; ALB, 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/portal.html>. Acesso em: 30 jul. 2010. ISSN: 2175-0939.

SANTOS, José Henrique de Freitas. Afroplagicombinadoresciberdéllicos: afrociberdelia e plagicombinação nas letras de Chico Science e Nação Zumbi. Salvador: Quarteto, 2006.

VAZ, Sérgio. Manifesto da antropofagia periférica. In: http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=762&Itemid=190 acessado em: 12\06\2011 às 12:00

SOUZA, Ana Lucia. Hip-hop: novos gestos e espaços da falas, leituras e imagens negras. Revista Palmares Cultura Afro-brasileira. Ano I Numero 2 12 / 2005.

SOUZA, Ana Lucia. Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop- São Paulo. In parábola editorial, 2011

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Para uma ecologia da escrita indígena: a escrita multimodal kaxinawá. In: SIGNORINI, Inês (org.). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. São Paulo: Mercado das Letras, 2001. p. 167-192.

FERREZ (org.). Literatura marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

LUCCHESI, Dante. A polarização sociolinguística no Brasil. Texto retirado do site: <http://www.vertentes.ufba.br/projeto/tema> acessado no dia 04\08\2011 às 11:19hs

LUCCHESI, Dante. AS DUAS GRANDES VERTENTES DA HISTÓRIA SOCIOLINGÜÍSTICA DO BRASIL (1500-2000) http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000100005&script=sci_arttext acessado no dia 05\08\11 às 10:50

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão lingüística irregular e o Processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-84.